

Em jeito de Editorial...

Temos outro NotICEAs em cheio.

Falamos da 1.^a TertulICEA, da próxima Assembleia-Geral, do lançamento das Actas do X Curso de Verão e temos, para além da participação da ADDPCTV, com um novo texto sobre as Invasões Francesas, o contributo de um amigo de terras de Santa Cruz! No NotICEAs de Setembro, a Prof. Arlete Assumpção Monteiro, escreveu sobre o interesse de um jovem brasileiro na Ericeira. Esse jovem, Rogério Pinheiro Leal Nunes, entrou agora em contacto connosco e enviou-nos um texto que temos todo o prazer em publicar.

É ou não verdade que é um NotICEAs em cheio?

Por fim: Um Feliz Natal e um Excelente 2009 são os nossos votos para todos os nossos amigos do ICEA.

1^a TertulICEA

Com 18 presenças, decorreu muito bem a 1.^a TertulICEA, com o tema “E quando a publicidade não vende?”. Com jantar no Leandro (Restaurante Onda dos Navegantes), que agradou a todos, esta 1.^a tertúlia que teve por convidado o Sr. Américo Guerreiro, foi bastante participada, tendo terminado à 1 da manhã e por imperativos de funcionamento do restaurante.

A Direcção irá avaliar esta primeira experiência, donde tirará algumas conclusões, no sentido de otimizar esta iniciativa que se pretende que continue.



Assembleia-Geral do ICEA

Realiza-se no próximo dia 13 de Dezembro, pelas 15h, na sede do ICEA, na Rua Dr. Eduardo Burnay, n.º24, cave esquerda, uma Assembleia-Geral extraordinária que tem como ponto único, na Ordem de Trabalhos, a alteração do Art.º 12.º dos Estatutos.

Como é habitual, se à hora marcada não estiverem presentes pelo menos metade dos Associados, a Assembleia reúne, em 2.^a Convocatória, 30 minutos mais tarde, com a mesma Ordem de Trabalhos e com o número de Associados presentes.

Lançamento do livro das Actas do X Curso de Verão

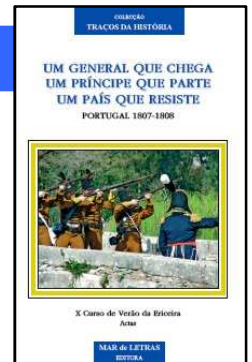


É já no próximo dia 19 de Dezembro, pelas 16h na Sala do Trono do Palácio Nacional de Mafra, que é lançado o livro **UM GENERAL QUE CHEGA, UM PRÍNCIPE QUE PARTE, UM PAÍS QUE RESISTE. Portugal 1807/8**, as Actas do X Curso de Verão da Ericeira.

Este lançamento nasce das parcerias do ICEA com a Mar de Letras Editora e com a Plataforma Intermunicipal para as Linhas de Torres. Todos os associados do ICEA e amigos estão desde já convidados para assistir a esta sessão, com a certeza que, no final do evento, será servido um Porto de Honra.

Será também lançado em Janeiro, pela editora Mar de Letras, o livro patrocinado pelo ICEA:

NORTE DOS PILOTOS, GUIA DOS CURIOSOS - Um livro de Marinharia do séc. XVIII
CMG. J. M. Malhão Pereira
Prefácio: ALM. Max Justo Guedes



Do Brasil para a Ericeira

O meu nome é Rogério Pinheiro Leal Nunes e desde janeiro de 2008 acompanho o trabalho de vocês, por sinal excelente. Eu sou leitor assíduo dos artigos publicados no NotICEAs. Foi através dele que conheci um pouco sobre a Ericeira. Na edição de 30 de setembro, uma associada, a professora Arlete Assumpção Monteiro, escreveu um artigo sobre um jovem jornalista brasileiro que conseguiu, por meio do NotICEAs, conhecer suas origens. Portanto amigos, o jovem em questão sou eu. Meu trabalho de conclusão do curso de Jornalismo, da Universidade do Vale do Itajaí (Univali), no Estado de Santa Catarina, Brasil, foi sobre a Colônia Nova Ericeira. O resultado do meu trabalho é o livro "A Nova Ericeira", onde conto pequenas histórias dos descendentes de colonos que vieram da Ericeira. Os senhores não imaginam a importância da colônia para o setor pesqueiro nacional. A pesca marítima no Brasil só se desenvolveu graças aos ericeirenses, que trouxeram as técnicas pesqueiras para cá. A Ericeira Brasileira não morreu, continua viva na pesca, no rosto dos pescadores e nos seus costumes. Antes que me esqueça, meu tataravô veio da Ericeira, em 1818. Sou de uma família de pescadores aqui em Santa Catarina e moro, em Navegantes, cidade vizinha a Itajaí, sede da Univali.

A Nova Ericeira

por Rogério Pinheiro Leal Nunes*

Em fevereiro de 1818, Dom João VI foi coroado rei de Portugal, Brasil e Algarves. Uma das primeiras medidas já como monarca foi à criação de uma colônia pesqueira no Sul do Brasil. O Aviso Régio de 25 de março de 1818 tornou oficial a ideia sugerida um ano antes por Justino José da Silva. Coube ao então Intendente da Marinha de Santa Catarina, o comandante Miguel de Souza Mello e Alvim, a fundação do povoado no litoral catarinense. O local indicado foi a Enseada das Garoupas, hoje cidade de Porto Belo. Como se tratava de um empreendimento pesqueiro, os colonos vieram de uma região com tradição secular na pesca em Portugal: a freguesia da Ericeira. Bem antes do descobrimento do Brasil, os ericeirenses já pescavam em alto-mar e conheciam as

técnicas da pesca. Todo esse conhecimento eles levaram para o litoral de Santa Catarina. Surgia assim a Colônia Nova Ericeira, homenagem à terra dos colonos.

João Vieira Tovar e Albuquerque, governador da Capitania de Santa Catarina, forneceu todo o material indispensável para os novos povoadores (casas, ferramentas, sementes e o pagamento pelos serviços prestados). Os terrenos, que começavam em Porto Belo e seguiam até Camboriú, foram doados por sorteio pelo próprio governador. O mesmo entregou na mão de cada colono o título de posse. Chefes de famílias receberam lotes próximo ao mar e os solteiros ficaram com as terras de interior.

Além dos pescadores, outros profissionais como barbeiros, alfaiates, sapateiros e carpinteiros também faziam parte da lista de imigrantes. Um padre e um médico foram contratados para atender, de graça, os colonos. Nos primeiros meses no Sul do Brasil, os ericeirenses se ocuparam na construção de casas e aquisição de embarcações à pesca em alto-mar. Eles contaram com a ajuda de Mello e Alvim, que providenciou uma embarcação pesqueira na Armação da Piedade, núcleo de captura e industrialização de baleia criado no ano de 1746. Com o barco, deu início a pesca marítima na Colônia Nova Ericeira.

Depois de 1818, o litoral catarinense recebeu mais levas de colonos da Ericeira, a última aconteceu em 1824. Foi justamente nesse ano, no dia 18 de dezembro, que o nome Nova Ericeira foi substituído por Porto Belo. O alvará que determinava a mudança fez que a freguesia ficasse subordinada a vila de Tijucas¹ por oito anos. No dia 13 de outubro, Porto Belo deixou de ser freguesia para se transformar em uma vila. O nome Nova Ericeira foi esquecido, mas seus descendentes não, continuaram a repassar por gerações as técnicas da pesca que os ericeirenses trouxeram de Portugal.

As famílias de pescadores se estabeleceram entre Porto Belo e Itajaí. Há registros em documentos históricos e certidões de óbitos, casamentos e nascimentos de colonos residindo em Indaial, Gaspar e Ilhota², a partir de 1820. Isso significa que as terras da Colônia Nova Ericeira poderiam ser mais extensas. Tese que defende a professora doutora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), Arlete Assumpção Monteiro. Na década de 1980, a professora descobriu, por acaso, a existência da colônia Nova Ericeira, quando pesquisava a temática trabalho e a educação em áreas litorâneas. Ela aproveitou o tema para o seu mestrado, também na PUC-SP. No ano 2000, o mesmo material serviu para escrever “A Ericeira Brasileira: trajetória de uma colônia portuguesa no litoral brasileiro”. O livro publicado pela editora Mar de Letras, em comemoração aos 500 Anos da Descoberta do Brasil, é a única referência sobre a Colônia Nova Ericeira. Antes disso existiam apenas trechos soltos nos livros de Saint-Hilaire e Henrique Boiteaux³.

Descobri a Colônia Nova Ericeira também por acaso. Depois da morte do meu pai em 2005, comecei a pesquisar a origem da família e cheguei aos ericeirenses. A Colônia Nova Ericeira me inspirou para preparar o meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), do Curso de Jornalismo da Universidade do Vale do Itajaí (Univali). O resultado foi um livro que contou histórias dos descendentes de colonos da Ericeira no Brasil. Durante a minha pesquisa encontrei muitas semelhanças entre os pescadores do litoral catarinense, sede da antiga colônia, com a Ericeira. Os sobrenomes e traços físicos com os pescadores ericeirenses foram apenas algumas delas.

Outra prova da existência da Colônia Nova Ericeira diz respeito à própria pesca em Santa Catarina. A região colonizada pelos ericeirenses responde atualmente, por

mais de 70% da produção pesqueira marítima no Brasil. Não há registro de outra imigração da Ericeira no litoral brasileiro fora a que foi estabelecida em 1818. Desde 1950, os pescadores da região sede da antiga colônia são os mais procurados por armadores (donos de barcos de pesca) do Rio Grande (RS) ao Rio de Janeiro (RJ). Esses armadores preferem os catarinenses por serem mais capacitados para a profissão. De onde surgiu esse preparo todo para a pesca? Muitos pescadores jamais fizeram curso algum na área. A maioria deles aprendeu a arte da pesca com seus pais, que, por sua vez, receberam as mesmas lições também de seus pais.

No papel, a Colônia Nova Ericeira deixou de existir no ano de 1824. A Independência do Brasil, em 1822, apressou o fim da colônia. Segundo professora Arlete, o movimento de apagar tudo que lembrasse os projetos de Portugal contribuiu para trocar o nome Nova Ericeira por Porto Belo. Atualmente, as pessoas que residem nas oito cidades que fizeram parte da colônia (Governador Celso Ramos, Bombinhas, Porto Belo, Itapema, Camboriú, Balneário Camboriú, Itajaí e Navegantes) desconhecem que um dia houve a Colônia Nova Ericeira. O próprio nome Ericeira é uma novidade até mesmo para os historiadores, imagine para a população.

Na década de 1980, a Universidade Federal de Santa Catarina, por intermédio do Núcleo de Estudos Açorianos (NEA), começou a catalogar os locais do litoral catarinense com a presença açoriana. Como ninguém mais se lembrava da Colônia Nova Ericeira, os pesquisadores do NEA encontraram campo aberto para semear a semente açoriana na região entre Porto Belo a Itajaí. Não questiono a importância dos açorianos para o Sul do Brasil. Porto Alegre (Rio Grande do Sul) e Florianópolis (Santa Catarina) foram povoadas por açorianos e isso ninguém pode contestar, mas as oito cidades que fizeram parte da antiga colônia não. Os pescadores que moram região - de Porto Belo até Itajaí - são provas vivas que o empreendimento pesqueiro existiu e foi bem sucedido.

Embora a pesca seja uma profissão que a cada ano perde um grande número de trabalhadores, o gosto e o interesse pelo mar nunca vão morrer no pescador catarinense. Trabalho na Assessoria de Imprensa da Prefeitura de Navegantes. O prédio fica ao lado do Rio Itajaí-Açu. Cerca de 80% da frota pesqueira nacional passa pelo rio em direção ao Oceano Atlântico. Numa tarde de julho de 2008, ao sair do prédio, o motorista que iria me levar para tirar algumas fotos acompanhou um barco que seguia para o mar. Fiquei surpreso com o brilho no olhar dele, cheio de orgulho. Perguntei se ele era pescador. O jovem (tinha entre 22 e 25 anos) respondeu que sim e o barco era o seu antigo local de trabalho. Ele contou, também, que havia abandonado a pesca porque o que ganhava não dava para sustentar a família. No entanto, ele sentia orgulho de ser pescador, profissão do seu pai e do pai do seu pai. O olhar do motorista simboliza uma velha frase da Ericeira: “A pesca e o gosto pelo mar estão no sangue de cada ericeirense”.

*Jornalista graduado pela Universidade do Vale do Itajaí (Univali)

1. Cidade próxima à Florianópolis, capital do Estado de Santa Catarina.

2. Cidades que foram colonizadas por alemães, belgas e italianos a partir de 1850.

3. SAINT-HILAIRE. A viagem à Província de Santa Catarina (1820). Cia. Editora Nacional. São Paulo, 1936. BOITEAUX, Henrique. O Município de Tijucas Grande e Porto Belo. Livraria Central 1928.

4. MONTEIRO, Arlete A. A Ericeira Brasileira. Trajetória de uma colônia portuguesa no litoral sul-brasileiro. Portugal: Mar de Letras, 2000.

Colaboração da ADDPCTV

III - FRANÇA E INGLATERRA EM CONFRONTO

José Travanca Rodrigues *

O projecto napoleónico de afirmação da França, no quadro de uma nova Europa era insustentável, pela dimensão geográfica da empresa e pela multiplicidade dos adversários que tinha de enfrentar.

Não podia deixar de contar com a resistência dos principais estados europeus, que metodicamente contra ele se coligaram. Apesar disso, entre 1802 e 1807, venceu e “confederou” retalhos de uma Alemanha ainda frágil e em busca de um ideal nacional; subordinou um Império Austro-Húngaro vasto mas militarmente frágil; hegemonizou as partículas de que se fazia a Itália, perdida em quezílias internas; atraiu a Espanha a uma aliança anti-britânica e acabou por humilhá-la de modo insuportável para o brio espanhol. Tudo isto era muito, mas Napoleão sabia que os seus propósitos não ficariam completos, se não resolvesse os velhos diferendos que opunham a França à Grã-Bretanha. Os Ingleses eram o “génio funesto” da França.

Nos anos que se seguiram à revolução de 1789, a Inglaterra interviu nas sucessivas coligações anti-francesas. Os antagonismos entre as duas potências não eram problema apenas do espaço europeu. Havia entre elas uma longa querela pela partilha dos crescentes mercados coloniais. Em meados do século XVIII, a chamada Guerra dos 7 Anos (1756/1763) provara já que, só pela força, se dirimiriam os apetites dos contendores. Um breve parêntesis: o resultado de então foi premonitório - a Grã Bretanha passaria a ser a sede de uma nova “economia - mundo”, lugar que deixaria de ocupar apenas no dealbar do século XX, quando o eixo passou o Atlântico, para se fixar nos E.U.A..

Era no mar que Napoleão sabia que o seu inimigo irreduzível teria de ser enfrentado, gorada a expectativa, ainda pensada, de uma invasão terrestre.

* Professor

Os resultados do confronto foram, desde logo, funestos para a França. Em Aboukir (1795), ao largo do Egipto, primeiro, e depois no cabo de Trafalgar (1805), não longe da costa algarvia, os Ingleses mostraram sobejamente de que lado estava a supremacia. (Porque será que a praça central de Londres se chama “Trafalgar Square” e no seu centro se ergue a estátua do almirante Horácio Nelson?). Era insuportável para os desígnios britânicos a limitação do seu acesso aos principais portos europeus. Para contrariar as aspirações francesas, os governos britânicos apoiaram financeiramente os inimigos de França, sem terem se expor demasiado no plano propriamente militar - é a política resumida na frase: “poucas tropas mas muito dinheiro”.

Liberal, parlamentar e já dotada de uma economia estruturalmente capitalista, a monarquia inglesa teme a França napoleónica, mas espera a sua hora de plena acção. Parece entender que, por maior que seja o brilho das vitórias militares de Napoleão no continente, o ajuste de contas final terá de ser com ela. Reparando bem, a vitória maior de Napoleão terá sido a obtida em Austerlitz, em 1805; ora nesse mesmo ano, os Franceses sabiam já o que os esperaria do lado britânico, pois esse é também o ano de Trafalgar. Em suma, a luta final teria de obrigar Napoleão a vergar a Grã-Bretanha por outros meios.

Meios que conduziram à intervenção napoleónica na Península Ibérica e às Invasões, cujo bicentenário nestes anos se rememoram. Aqui começaria a empalidecer o brilho, afinal efémero, do prodígio francês.

IV - GUERRA PENINSULAR: PORQUE É QUE PORTUGAL SE VIU ENVOLVIDO?

Joaquim Moedas Duarte *

Quando a cabeça de Luís XVI rolou no cadafalso em 21 de Janeiro de 1793, as monarquias absolutas da Europa estremeceram. Com a abolição do poder absoluto do rei e a afirmação da soberania popular desabava o “antigo regime” e a ordem estabelecida. Perante o perigo, as monarquias coligaram-se. Uma luta gigantesca irá sacudir a Europa durante cerca de 25 anos: de um lado a França que, lutando desesperadamente contra o cerco,

acaba por aclamar um Imperador, Napoleão, ela que decapitara um rei; do outro as grandes nações - Áustria, Prússia, Rússia, Suécia... - lideradas pela Inglaterra. A Espanha oscila entre os dois, entregue ao calculismo dos seus governantes. É neste vendaval político e militar que Portugal vai ser arrastado, sem possibilidade de fuga.

Nação periférica, Portugal tinha uma enorme importância estratégica devido à situação geográfica e ao império colonial. Se no concerto diplomático os nossos embaixadores pouco contavam e até eram ignorados, as consequências económicas das nossas opções políticas eram cuidadosamente contabilizadas pelos governos beligerantes. Como resultado, a diplomacia portuguesa especializou-se em jogos de equilíbrio, procurando agradar a todos e tentando manter-se oficialmente neutral, embora aliando-se em segredo ora a uns ora a outros. Os cofres da coroa rapidamente foram esvaziados em pagamentos, indemnizações, tentativas de apaziguamento, que não tiveram outro efeito senão pôr-nos mal com deus e com o diabo. Que fazer?

Logo em 1801 a Espanha, que se aliara à França, invade Portugal na intenção clara de nos anexar. Com um exército desorganizado e sem chefes à altura, o país é humilhado e só obtém a paz à custa do território de Olivença e do pagamento de uma quantia exorbitante. Invocando uma secular aliança, os nossos governantes procuram ajuda junto da Inglaterra. Mas esta, que faz? Esperançada em que Portugal desapareça como nação, apressa-se a ocupar os nossos territórios coloniais, bem como a Madeira, só os abandonando quando verifica que a nossa extinção fora adiada.

A aliança anglo-lusa era um enorme equívoco e só viria a falar-se dela quando a Inglaterra viu vantagens nisso. O que aconteceu quando Napoleão decidiu enfrentar a nação rival e provocou a declaração de guerra entre as duas nações em 1803. Portugal ficou entre dois fogos. Para a França nós éramos um protectorado inglês e mais tarde ou mais cedo teria de ocupar o nosso território como forma de enfraquecer a Inglaterra. Para esta, nós devíamos ser fiéis à velha aliança para que os nossos portos e colónias continuassem abertos ao seu serviço. No meio, a nossa diplomacia empenhava-se em garantir a impossível neutralidade.


A Inglaterra tinha um enorme poderio naval, condição necessária à sua sobrevivência. Napoleão sabia que,

* *Professor*

para a vencer, teria de a enfrentar no mar. Para isso garantiu a aliança da Espanha que lhe facultou uma poderosa armada. O embate deu-se em Outubro de 1805 junto do cabo Trafalgar, no sul da Espanha. A armada franco-espanhola foi desbaratada e Napoleão teve de reconhecer a impossibilidade de invadir a Inglaterra por mar. Restava-lhe a via terrestre e esta passava por Portugal, base de apoio da nação inglesa que ele jurara aniquilar. O confronto França/Inglaterra agravou-se de novo em 1806. Respondendo a uma política naval hostil da parte da Inglaterra, Napoleão decreta o “Bloqueio Continental”. Esta medida, imposta a todos os países europeus que tivessem litoral, destinava-se a fechar os portos aos navios ingleses, impossibilitando-lhes o comércio e a circulação de pessoas e bens. Portugal ficou mais uma vez entalado entre a espada e a parede, debatendo-se durante meses entre a fidelidade aos ingleses que tão necessários eram para a manutenção das nossas colónias e a inevitabilidade de ceder a uma parte das exigências francesas para evitar a invasão.

Napoleão tratou de garantir a aliança com o governo espanhol, necessária para a passagem do seu exército em direcção a Portugal. Por seu turno, os espanhóis, sempre dispostos a retomar o sonho de anexarem o nosso território, dispuseram-se ao conluio. O resultado foi o Tratado de Fontainebleau, assinado pela Espanha e pela França em Outubro de 1807. Nele se estabelecia que Portugal seria dividido em três lotes. O primeiro, a norte, que se chamaria Lusitânia, seria dado ao rei da Etrúria, como compensação de guerra; o segundo, abrangendo o Alentejo e Algarve, seria para o governante espanhol D. Manuel de Godoy, que ficaria com o título de príncipe dos Algarves. O terceiro lote, com Trás-os-Montes, Beira e Estremadura, ficaria para a França, numa situação a definir mais tarde. As ilhas e colónias portuguesas seriam igualmente divididas entre a França e a Espanha.

Está prestes a iniciar-se a primeira invasão francesa.



Novidade

Estão já disponíveis para venda o pólo e a *sweatshirt* do ICEA

